

Os Impactos da Rede de Apoio no Processo de Enfrentamento da Violência Doméstica: Análise da Minissérie MAID

Nathalia Borowsky dos Santos

Orcid.org/0009-0009-5829-4746

Paola Rodegheri Galeli*

Orcid.org/0000-0002-8793-1750

*Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC),
Criciúma, SC, Brasil*

Resumo

A violência doméstica é um fenômeno complexo e multifacetado, que gera impactos significativos na saúde física, mental, bem como no desenvolvimento pleno das mulheres que a vivenciam. É fundamental que mulheres nesta situação possam contar com a rede de apoio, a fim de superar a violência. Objetivou-se, com esse estudo, analisar o processo de enfrentamento da violência doméstica da protagonista da minissérie MAID e sua relação com as redes de apoio formal e informal. Trata-se de uma pesquisa documental, através da análise de conteúdo. Observou-se, por meio dos resultados desse estudo, que a rota crítica percorrida por mulheres em situação de violência é impactada por diversos fatores, como falta de recursos financeiros, ausência de apoio familiar e efetividade da rede socioinstitucional. Além disso, constatou-se que as redes de apoio formal e informal, quando efetivas, constituem-se como recurso fundamental no processo de enfrentamento da violência. Contudo, a pesquisa identificou que a escassez ou mesmo a falta do apoio familiar impacta negativamente na trajetória das mulheres, à medida em que pode atrasar o percurso, e, no pior dos cenários, interrompê-lo.

Palavras-chave: Ciclo da violência, gênero, rede de enfrentamento, violência doméstica, violência contra a mulher.

The Impacts of the Support Network on the Process of Coping in Domestic Violence: Analysis of the Miniseries MAID

Abstract

Domestic violence is a complex and multifaceted phenomenon that has significant impacts on the physical and mental health, as well as on the full development, of women who experience it. It is essential for

* Correspondência: Av. Universitária, 1015 - Bloco S, Sala 106, CEP 88806-000, Criciúma, SC, Brasil. Tel.: (48) 99147-9661. E-mail: paolarodg@unesc.net.

women in this situation to have a support network in order to overcome the violence. This study aimed to analyse the process of confronting domestic violence by the protagonist of the miniseries ‘MAID’, focusing on her relationships with formal and informal support networks. It was a documentary research conducted through content analysis. The results of this study revealed that the critical path taken by women in situations of violence is influenced by various factors, including the lack of resources and family support, and the effectiveness of the social assistance network. Furthermore, it was found that formal and informal support networks, when effective, constitute a fundamental resource in the process of addressing violence. However, the research identified that the scarcity or absence of family support negatively impacts women’s trajectories, potentially delaying or, in the worst-case scenarios, halting their progress.

Keywords: Cycle of violence, gender, support network, domestic violence, violence against women.

Los Impactos de la Red de Apoyo en el Proceso de Enfrentamiento de la Violencia Doméstica: Análisis de la Miniserie “MAID”

Resumen

La violencia doméstica es un fenómeno complejo y multifacético que genera impactos significativos en la salud física, mental y en el desarrollo pleno de las mujeres que la experimentan. Es fundamental que las mujeres en esta situación puedan contar con una red de apoyo para superar la violencia. Este estudio tuvo como objetivo analizar el proceso de enfrentamiento a la violencia doméstica por parte de la protagonista de la miniserie ‘MAID’ y su relación con las redes de apoyo formal e informal. Se trató de una investigación documental mediante el análisis de contenido. Se observó, a través de los resultados de este estudio, que la ruta crítica seguida por las mujeres en situación de violencia está influenciada por diversos factores, incluyendo la falta de recursos financieros y apoyo familiar, así como la eficacia de la red de asistencia social. Además, se constató que las redes de apoyo formal e informal, cuando son efectivas, constituyen un recurso fundamental en el proceso de enfrentamiento a la violencia. Sin embargo, la investigación identificó que la escasez o incluso la ausencia de apoyo familiar impacta negativamente en la trayectoria de las mujeres, pudiendo retrasarla y incluso interrumpirla en los peores escenarios.

Palabras-clave: Ciclo de la violencia, género, red de enfrentamiento, violencia doméstica, violencia contra la mujer.

O conceito de “gênero” é amplo e corresponde às características sociais conferidas a homens e mulheres, bem como às relações que se estabelecem entre ambos. Nesse sentido, as particularidades, bem como a validação dos sexos são atravessadas pelo contexto de cada sociedade e configuradas pelo gênero (Fornari & Fonseca, 2022). Segundo Zanello (2018), as transformações nos estudos feministas foram marcadas por intensas discussões, especialmente sobre a introdução do conceito de gênero nos contextos acadêmicos e políticos.

A ressignificação e apropriação do termo ocorreram em diferentes espaços, gerando debates e disputas para sua aplicação. Além disso, a discussão entre a relação entre gênero e identidade destaca que o gênero não se restringe apenas à construção de papéis masculinos e femininos. Há uma abordagem mais ampla que considera a identidade como algo fluido, múltiplo e em constante transformação, influenciado não só pela expressão de gênero, mas também por outras identidades, como étnicas, sexuais, de classe, entre outras (Zanello, 2018).

À sociedade, é conferida a responsabilidade de sugerir as diversas formas que viabilizam a constituição do sujeito enquanto mulher ou homem, e estas, à medida em que são ditadas, são também reavaliadas continuamente. Assim, a compreensão do corpo também é atravessada por processos culturais em que há o registro dos gêneros nos corpos, e, a estes são atribuídos sentidos socialmente (Louro, 2000).

A desconstrução da polaridade rígida entre masculino e feminino emerge como um ponto crucial. É necessário superar a visão dicotômica, evidenciando que os gêneros não são fixos e únicos, mas pluralizados e atravessados por complexas relações de poder, resistência e identidade. A desconstrução abre espaço para compreender e incluir as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que fogem dos estereótipos hegemônicos (Zanello, 2018).

As normas sociais configuram a desigualdade de gênero, a qual é, também, reafirmada pelas relações de poder entre homens e mulheres. Em grande parte das culturas, tal problemática é percebida “nas responsabilidades, nas atividades, no acesso e controle a recursos, e nas tomadas de decisão” (Fornari & Fonseca, 2022, p. 2). A partir dessa perspectiva, essas relações de desigualdade produzem violências contra as mulheres.

A violência contra as mulheres é um complexo fenômeno social. Na literatura, existem diversas acepções que podem se referir a esse tipo de violência, contudo, violência de gênero é um conceito mais abrangente (Saffioti, 2004). Sob essa perspectiva, contempla vítimas como mulheres, adolescentes e crianças de ambos os sexos (Lucena et al., 2016), compreendendo que a desigualdade de gênero constitui-se como sustentáculo da violência de gênero (Fornari & Fonseca, 2022).

Já a violência doméstica contra as mulheres (VDCM) é compreendida como um fenômeno também historicamente enraizado nas relações de gênero. Nesse sentido, a Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006), em seu artigo 5º, configura violência doméstica como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte,

lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”, frequentemente praticada por parceiro íntimo (Brasil, 2006).

No contexto da violência doméstica praticada por parceiro íntimo, discute-se a teoria do ciclo da violência proposta por Lenore Walker, psicóloga norte-americana e feminista, a fim de elucidar como a violência conjugal é produzida e reproduzida, bem como para compreender sua dinâmica (Walker, 1979). Walker aponta as três fases que compõem o ciclo da violência: a construção da tensão, configurada por ameaças, xingamentos, humilhação, insultos; a manifestação da violência física; e, por último, a lua-de-mel, caracterizada pelo arrependimento do agressor, à medida em que se desculpa e promete mudar seu comportamento (Soares, 2005). A dinâmica do ciclo da violência é composta pela interrupção, isto é, as fases se repetem de forma contínua, ainda que seu tempo de duração possa ser distinto, impondo desafios para a cessação da violência.

Considerando a complexidade da dinâmica de violência, é necessário que as mulheres que sofrem violências possam ser amparadas por serviços e iniciativas. O desenvolvimento de leis específicas, como a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006) aponta para o desenvolvimento de ações para combater a violência. Nessa lógica, compreende-se por “rede de enfrentamento à violência” uma ação conjunta de instituições, comunidade e serviços governamentais e não-governamentais, a fim elaborar estratégias de prevenção às situações de violência, bem como pensar políticas efetivas para a promoção da autonomia às mulheres (Brasil, 2011a). Portanto, o processo de enfrentamento da violência doméstica é impactado pela atuação dessas redes.

Sob essa perspectiva, é necessário compreender como as redes de enfrentamento a violência podem atuar efetivamente para que mulheres possam viver uma vida sem violências, a partir do desenvolvimento de literaturas com diferentes metodologias. Nesse sentido, objetivou-se, com o presente estudo, analisar o processo de enfrentamento da violência doméstica da prota-

gonista da minissérie MAID e sua relação com a rede de apoio formal e informal.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, método que permite acesso direto a materiais não interpretados previamente, à medida em que possibilita uma compreensão mais íntima e contextualizada do tema em questão (Fontelles et al., 2009). Para o estudo, a pesquisa documental é compreendida pela análise fílmica, conforme apontam Marconi e Lakatos (2003).

Esta pesquisa é baseada na minissérie MAID, a qual caracteriza-se pela narrativa que acompanha o percurso de uma mulher que se depara com desafios complexos em um contexto de enfrentamento à violência doméstica. A minissérie MAID, produzida em 2021, por Molly Smith Metzler et al., é composta por 10 episódios, com duração entre 47 minutos a 1 hora cada, estando disponível na plataforma da Netflix.

Com relação aos processos e instrumentos para a análise de dados, a minissérie foi assistida três vezes e, durante esses momentos, foram feitas anotações dos principais aspectos da trajetória da protagonista. Em sequência, foi feita a análise de conteúdo (Bardin, 2016) e elaboração dos resultados.

No presente estudo, utilizou-se o termo violência doméstica a fim de contemplar o fenômeno da violência contra a mulher, praticada pelo parceiro íntimo e baseada no gênero. Apesar de MAID ser uma minissérie de produção americana, a análise foi realizada a partir das políticas públicas do Brasil com o objetivo de contribuir para a reflexão do fenômeno da violência nesse país (Brasil). Para a apresentação dos resultados, foram organizadas três categorias de análise, sendo elas:

- Dinâmica da violência,
- Redes de apoio informais e
- Redes de apoio formais.

Diante do fato de a pesquisa consistir em uma análise documental, faz-se necessário des-

crever alguns fatos da minissérie MAID, a fim de contextualizar o leitor, para, posteriormente, compreender os resultados e discussões deste estudo. Sendo assim, optou-se por fazer uma breve descrição dos principais fatos que configuram a minissérie.

MAID caracteriza-se pela narrativa de uma mulher que se depara com desafios complexos em um contexto de enfrentamento da violência doméstica, na tentativa de romper a relação violenta e de se organizar para buscar melhores condições de vida para ela e sua filha. A minissérie pode ser dividida em dois importantes momentos, que são assinalados pela relação estabelecida entre a protagonista (Alex) e a situação de violência doméstica a qual está vivenciando.

No primeiro momento, Alex, uma jovem mulher, que reside com sua filha de dois anos (Maddy) e com o companheiro (Sean), decide fugir de casa no meio da noite após ser agredida por Sean. Inicialmente, a minissérie aponta os aspectos que farão parte da trajetória de Alex: ela não tem casa própria, emprego, dinheiro, nem rede de apoio familiar. Além disso, o fato de Alex não se reconhecer, em um primeiro momento, como vítima de violência doméstica, impacta na efetividade da rede de apoio formal. Ela busca os serviços socioinstitucionais e consegue indicação de uma agência de emprego, além de benefícios como vaga em uma Casa-abrigo, creche para sua filha, moradia subsidiada, entre outros. Contudo, nesse primeiro momento, Alex precisa lidar com as adversidades que surgem durante sua trajetória, como a falta de apoio familiar, a burocracia do sistema socioinstitucional, e com outras dificuldades que vão atravessando seu percurso. Além disso, são mostrados os desafios da maternidade solo, uma vez que Alex não possui uma rede de apoio efetiva para ajudar nos cuidados com sua filha.

O reconhecimento, por parte de Alex, das violências que sofreu, marca o segundo momento da minissérie, que ocorre nos episódios finais. Quando identifica que foi agredida, a protagonista retorna aos serviços anteriormente buscados, como a Casa-abrigo e outros equipamentos da assistência social. Alex também conta com a

ajuda da rede de apoio informal, com uma cliente, que consegue acompanhamento gratuito de uma advogada para conseguir a guarda da filha. Contudo, os movimentos feitos pela protagonista continuam sendo atravessados por inúmeras dificuldades, principalmente com relação ao ex-companheiro, que não permite que Alex e a filha se mudem para outro estado. Existe, portanto, um movimento de protagonismo da personagem frente aos desafios que atravessaram seu percurso, à medida em que busca a construção da sua autonomia e empoderamento.

Resultados e Discussões

A Dinâmica da Violência

A violência contra as mulheres é um fenômeno complexo, multidimensional, inscrito em raízes históricas e culturais. Em sua essência, as relações violentas se estruturam como forma de dominação, ao estabelecer poder e controle sobre a vítima (Fernandes & Natividade, 2020). Conforme observa Meneghel et al. (2011), desde 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o fenômeno como um problema de saúde pública e, para além, uma violação dos direitos humanos.

Nesse sentido, o enfrentamento e a superação da condição da violência, dado o seu caráter dinâmico e complexo, dependem de uma série de condições. O enredo da minissérie MAID evidencia os elementos interligados que são necessários ao processo de enfrentamento da violência, lança luz aos impactos produzidos pela rede de apoio informal e pelas políticas públicas, bem como aponta para as consequências resultantes de a protagonista não se reconhecer como vítima de violência.

Sob essa perspectiva, é possível dividir a minissérie MAID essencialmente em dois importantes momentos. Eles possuem uma linha tênue entre si e são assinalados pela relação estabelecida entre a protagonista e a situação de violência doméstica a qual está vivenciando.

No início da minissérie, o telespectador não consegue compreender o que de fato ocorreu com a protagonista, tampouco são explicitadas

as violências que sofreu. Contudo, no passar dos episódios, são apresentadas algumas situações do passado, revelando as agressões. Alex sofreu diversos tipos de violência: patrimonial, à medida em que o parceiro não lhe permitia ter seu próprio dinheiro nem conta bancária; psicológica, quando foi humilhada ao contar que estava grávida; e física, quando ele deu um soco na parede ao lado do rosto dela.

É necessário enfatizar que neste primeiro momento da minissérie, Alex não se identifica como vítima de violência, pois compreende violência somente como agressão física. As autoras Murta e Parada (2021) atentam ao fato de que comumente existe a dificuldade de reconhecer as diversas formas de violência, para além da física. Em conformidade, um estudo de Schraiber et al. (2007) observou que há uma dificuldade de as mulheres nomearem o que vivenciam como situações de violência. Sob essa perspectiva, faz-se necessário compreender como se configura a violência contra a mulher, tal como explicitar a definição tipológica das violências sofridas pela personagem.

No Brasil (2006), a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) foi um marco histórico em termos de legislação contra questões de impunidade do agressor, bem como para elaborar estratégias para reduzir a violência. A lei aponta os tipos de violências, sendo eles, física, psicológica, sexual, moral e patrimonial, contudo, serão descritas aquelas que possuem relação com a experiência da personagem da minissérie.

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2002), considera-se violência psicológica “toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (p. 20). A Lei Maria da Penha (Brasil, 2006) descreve certas condutas que caracterizam a violência psicológica, que envolvem: controle das ações, decisões, comportamentos utilizando-se de ameaças, humilhações, isolamento, manipulação e chantagem.

A violência física é definida pela lei supracitada como “qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal” (Brasil, 2006). Contudo, autoras como Dahlberg e Krug (2006)

ampliam a discussão do conceito de violência ao trazer sua definição a partir da OMS. Para o referido órgão, prevalece a ideia da relação entre a ação cometida pelo agressor e sua intencionalidade, sem ter em conta a consequência alcançada. De fato, portanto, a ameaça da violência física por si só, já é considerada como violência. No caso de MAID, é possível relacionar que a protagonista sofreu violência física quando o companheiro deu um soco contra a parede e quase a atingiu. Constata-se, portanto, que, apesar de não ter ferido o corpo de Alex, o que prevalece é sua intencionalidade.

A violência patrimonial refere-se a questões de valores, direitos econômicos e recursos (Ludermir & Souza, 2021). Configura-se, portanto, como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades” (Brasil, 2006). Essas situações são identificadas na experiência da personagem, conforme previamente citado.

Ainda que as violências sejam separadas e tipificadas pela Lei Maria da Penha, o que se encontra na literatura é que grande parte das mulheres sofre múltiplas violências. Uma revisão de estudos norte-americanos, que foram publicados entre os anos 1993 e 2003, aponta que entre usuárias da atenção primária, houve a prevalência de 40% a 54% na vida para mais de um tipo de violência, conforme mencionam Schraiber et al. (2007). Nesse sentido, a minissérie aponta para as diversas formas de violência sofridas pela protagonista, de forma concomitante.

A violência dificilmente ocorre de forma isolada e pontual. É comum, assim como no caso de Alex, que mulheres sofram violência de repetição. Um estudo transversal realizado por Leite et al. (2023) com dados de notificação entre os anos de 2011 a 2018, apontou que a frequência da recorrência de violência contra mulheres foi de 58,9%. Em conformidade com tal perspectiva, uma pesquisa feita por Barufaldi

et al. (2017) apontou que do total de óbitos de mulheres por agressão, em 15,9% havia história prévia de violência de repetição. Além disso, as autoras supracitadas apontam que em diversos países, mulheres assassinadas possuíam, majoritariamente, histórico de violências repetidas e tentativa de separação do agressor antes do feminicídio, principalmente nos três meses anteriores ao fato. Observam, ainda, que os episódios de violência repetitiva inclinam-se a se tornar paulatinamente mais críticos.

Conforme discutido, a protagonista da minissérie não compreende que é vítima de violência doméstica. Entretanto, essa falta de reconhecimento não é exclusiva de Alex, uma vez que muitas mulheres não qualificam as violências sofridas. As autoras Meneghel et al. (2011) reforçam tal ideia quando apontam que nem sempre a violência é identificada, pelo fato de as mulheres terem sido ensinadas a associar a violência enquanto algo natural, principalmente no que se refere à resolução de conflitos nas relações conjugais. Nesse sentido, há uma naturalização da violência.

De forma histórica, entrelaçado à ordem patriarcal, a submissão das mulheres é conferida a papéis sociais, pré-determinados historicamente, a partir “das diferenças biológicas, de gênero e da transformação cultural que se converte em dominação masculina e dão resultado à violência de modo sutil e incorporado à vida comum” (Batista et al., 2023, p. 2). De acordo com Machado et al. (2022), observa-se que o poder e a força do homem, bem como a dominação à mulher, foram naturalizados justamente por estas representações sociais. Tais configurações são, portanto, fatores que impulsionam a produção de violência.

MAID apresenta de forma clara o ciclo da violência. A teoria do ciclo da violência abarca três fases específicas, que compõe a acumulação de tensão, o episódio da violência e a lua-de-mel. Contudo, destaca-se que podem haver variações em intensidade e tempo de duração.

No contexto da minissérie, quando a protagonista volta a morar com o companheiro, ele a cuida e protege. Contudo, rapidamente a

situação muda e ela passa a viver o momento de tensão do ciclo da violência, sofrendo insultos e ameaças. Logo após, ela passa pelo episódio agudo de violência, quando o companheiro joga um objeto em direção a ela, quase a atingindo. Após a agressão, Alex procura por sua filha e a encontra escondida dentro do armário da cozinha. E este momento é decisivo para a protagonista sair de casa novamente. Conforme discute Sagot (2000), existem alguns precedentes que conduzem as mulheres a romper com a violência conjugal. Dentre os fatores externos, a autora aponta para a escalada da violência, bem como o impacto da violência nos filhos.

Autores como Batista et al. (2023) afirmam que existe “uma reprodução histórica da violência, que se inicia na infância e/ou adolescência e se perpetua na vida adulta” (p. 2). O que determina, portanto, esta reprodução, são os comportamentos e valores assimilados e sua naturalização na sociedade. Nesse contexto, é pertinente analisar a existência de um caráter transgeracional nas relações descritas acima, e que, de acordo com a literatura, é comum às mulheres em situação de violência doméstica.

Tal caráter transgeracional é abordado em MAID quando, assim como a protagonista, sua filha também se esconde no armário da cozinha, durante os episódios de violência. Além disso, Alex repete a dinâmica relacional de sua mãe, ao se relacionar com um homem que faz uso abusivo de álcool e que a agride, assim como era seu pai. De maneira consistente, dados sugerem o consumo de álcool como constituinte dominante em ambientes familiares violentos (Batista et al., 2023). Estudos apontam que existe a probabilidade de aumentar a ocorrência em até dez vezes para violência física e cinco vezes para a psicológica, a partir do uso indiscriminado do álcool. Todavia, o seu uso não deve ser considerado como justificativa para atos violentos, mas sim como um agravante destes (Formiga et al., 2021).

Condizente a isso, compreende-se que na perspectiva da violência existe um fator transgeracional que impacta na forma como as mulheres

se relacionam na vida adulta. Diante deste ponto de vista, autores como Batista et al. (2023) oferecem um panorama interessante em um estudo explicativo, diante da construção de um modelo teórico a partir da análise de dados coletados. Através deste estudo, identificou-se o fenômeno que indica que mulheres que testemunharam violência doméstica precocemente, durante a infância, tendem a experienciar relações violentas na vida adulta. Os autores explicam que comumente quem exerce a violência é o pai, e a criança, que é constantemente exposta a um ambiente hostil, introjeta “significados de tolerância às relações abusivas e a naturalização das relações violentas” (p. 3).

O percurso do enfrentamento da violência é crítico e irregular, marcado por avanços e retrocessos (Meneghel et al., 2011), que ultrapassa a esfera do individual de tal forma que perpassa diferentes possibilidades de apoio, sendo uma delas a rede de apoio informal. Nesse sentido, a rede de enfrentamento à violência contra as mulheres refere-se à “atuação articulada entre as instituições/ serviços governamentais, não-governamentais e a comunidade” (Brasil, 2011a, p. 13), que objetivam atuar no desenvolvimento de estratégias de prevenção à violência, bem como de políticas efetivas que promovam a autonomia e o empoderamento das mulheres.

O enredo da minissérie é marcado, também, pelos movimentos feitos pela protagonista com relação à sua rede de apoio, ainda que em um primeiro momento não se reconheça como vítima de violência. Ou seja, existe um empenho da personagem afim de buscar recursos que possibilitem sua reorganização em direção à superação da violência. Assim como Alex, mulheres em situação de violência também traçam uma trajetória e tendem a encontrar dificuldades para este enfrentamento. Tal percurso é conceituado como rota crítica, que contempla uma sucessão de decisões e ações feitas por mulheres durante o processo de enfrentamento da violência doméstica (Bruhn & Lara, 2016). Constitui-se, portanto, como um caminho crítico e irregular o qual precisa ser percorrido a fim de romper com a violência (Meneghel et al., 2011).

A tomada de decisão dentro da perspectiva da rota crítica será diretamente impactada por uma série de fatores, como o conhecimento e informação que as mulheres detém, pelos recursos disponibilizados, pelo apoio recebido, pelas adversidades que se apresentam, pela experiência precedente, entre outros (Baragatti et al., 2018). Em seu estudo sobre o percurso das mulheres para romper o ciclo da violência, as autoras Bruhn e Lara (2016) referem que compreender a rota crítica é entender que a trajetória de cada mulher é singular. Nesse sentido, a depender da qualidade das relações que a mulher possui com aqueles que se configuram como rede de apoio, o percurso poderá ser impactado positiva ou negativamente (M. A. D. Santos & Vieira, 2011).

Foi realizada uma investigação pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (Sagot, 2000) sobre a rota crítica percorrida por mulheres em situação de violência, na América Latina e Caribe. Identificou-se uma escassez na efetividade de recursos sociais e comunitários, entre outros. O conceito de rota crítica segue sendo explorado por autoras brasileiras, como Meneghel et al. (2011).

O princípio da trajetória da protagonista é marcado por uma dificuldade significativa e que se apresenta para muitas mulheres: não possui dinheiro, nem conta bancária, visto que seu companheiro não lhe permitia gerenciar as finanças. O impacto do controle dos bens afeta as mulheres em situação de violência de tal forma, que em muitos casos acabam permanecendo no relacionamento diante da dependência financeira do agressor. Corroboram tal perspectiva Dutra e Martins (2023), ao afirmarem que, diante da falta de estrutura financeira e/ou material, mulheres em situação de violência frequentemente se mantêm na relação violenta ou até mesmo retornam para essa.

Em uma revisão de literatura, as autoras Murta e Parada (2021) referem estudos de Saunders (2003), que afirmam existir uma relação entre o acesso reduzido à renda própria e diferentes recursos externos e a dificuldade de romper o relacionamento. Isto significa que a

falta de autonomia financeira, que configura-se como uma barreira estrutural, é um fator de risco para a permanência na relação violenta. Outra problemática apontada em MAID e que também é realidade de muitas mulheres é a falta de moradia. Quando a família, amigos e comunidade não são uma possibilidade, abandonar a relação violenta pode ser inviável.

Para além dos fatores discutidos, muitas mulheres em situação de violência são desmotivadas ou até mesmo privadas de exercer o trabalho remunerado, o que, de fato, é uma forma de intensificar o controle do agressor sobre elas e reduzir as chances de a mulher atingir sua autonomia e sua independência. Em conformidade com M. A. D. Santos e Vieira (2011), observa-se, portanto, que em muitos casos as mulheres não possuem condições concretas de romper com o agressor, uma vez que são privadas dos recursos necessários para o enfrentamento da condição da violência.

Redes de Apoio Informais

No contexto de enfrentamento da violência doméstica, as redes de apoio informais, baseadas em laços pessoais, grupos de apoio e iniciativas da sociedade civil, desempenham um papel essencial. Elas são capazes de oferecer um viés de suporte personalizado, sensível às particularidades de cada situação. Podem incluir grupos de amigos, familiares, organizações não governamentais, coletivos de apoio ou até mesmo iniciativas emergentes lideradas por empresas (Pontes et al., 2021).

Autoras como Pontes et al. (2021) observam que a rota crítica percorrida por mulheres em situação de violência doméstica depende de como a rede de apoio está acessível a elas, bem como de sua efetividade, sendo um fator de proteção imprescindível. Assim, o percurso dessas mulheres é extremamente impactado pela qualidade das relações estabelecidas. O Ministério da Saúde (2001) aponta os fatores que estimulam a permanência na situação de violência, sendo um deles o carecimento de recursos sociais e familiares.

A família é considerada um dos pilares fundamentais no processo de enfrentamento da violência, pois constitui-se como parte da rede de apoio informal. Um estudo realizado por Rodrigues et al. (2016) observou que mulheres em situação de violência que obtiveram o suporte da família e de pessoas com quem possuem vínculo, obtiveram o amparo fundamental para denunciar a violência e procurar ajuda.

Contudo, o cenário não é o mesmo para todas. A expectativa de obter apoio da família pode ser frustrada, visto que podem atenuar a magnitude da situação, por vezes com julgamentos e culpabilização direcionados à mulher. Isto é, muitas vezes as mulheres em situação de violência enfrentam um processo de abandono, tendo um percurso solitário (Batista et al., 2023). Nesse sentido, existe um comportamento ambivalente por parte das famílias, que ora apoiam a mulher, ora a estimulam a permanecer na relação violenta, a fim de minimizar os conflitos entre o casal, de forma que reforça a submissão feminina (Meneghel et al., 2011). De fato, a invalidação da violência é um fator de risco no processo de enfrentamento da violência doméstica, sendo reproduzida pela sociedade como um todo, inclusive, abarcando grupos mais específicos como a família e os amigos, podendo produzir impactos significativos no percurso das mulheres.

MAID aborda certas características da dinâmica relacional da família da protagonista. Trata-se de uma rede de apoio instável, fragmentada e fragilizada. De antemão, quando decide fugir de casa, percebe-se que Alex está ciente de que a família não é uma possibilidade de apoio e que terá que buscar outras alternativas de suporte. Assim, em um primeiro momento, opta por não recorrer aos familiares. A atitude de Alex não é incomum entre mulheres nesta situação. Negar a família como recurso, muitas vezes, é uma forma de não ser julgada e/ou desacreditada. O isolamento, comum às situações de violência, por vezes corrobora um rompimento dos vínculos familiares, como indicam as autoras Meneghel et al. (2000).

Os aspectos da dinâmica familiar da protagonista, de fato, impactam na rota crítica percor-

rida por ela, bem como na realidade de muitas mulheres que encontram-se na mesma situação. Alex precisa de suporte para que sua filha seja cuidada enquanto ingressa em um novo emprego, pois ainda não tem acesso à creche. A forma instável e sem constância com que a rede de apoio interage com a protagonista, gera dificuldades e insegurança, praticamente inviabilizando seus esforços para iniciar o trabalho. É possível compreender, portanto, que a interação da rede de apoio informal com a vítima é um fator de risco que pode atrasar ou até mesmo interromper a rota crítica.

Em contrapartida, é importante salientar que apesar de MAID abordar de forma clara como a inefetividade da rede de apoio informal impacta na jornada da protagonista, são explicitados alguns momentos em que a rede é efetiva. Assim, determinadas pessoas aparecem espontaneamente na trajetória da personagem, favorecendo seu movimento de reorganização. A exemplo, é possível citar um antigo amigo, que lhe empresta seu carro, faz o intermédio com uma creche para Alex conseguir uma bolsa, e lhe cede moradia temporária. Além disso, Alex faz amizade com uma mulher durante sua estada na Casa Abrigo, que também é vítima de violência doméstica. Ela ajuda Alex com diversas questões e a motiva a seguir seu percurso.

O enredo de MAID convida a refletir sobre a dinâmica relacional da protagonista e as interações que estabelece com aqueles com quem possui vínculo. Assim, é possível analisar o lugar de cuidado que ela ocupa nessas relações, muitas vezes gerando prejuízos em sua trajetória. Alex se coloca praticamente de forma integral como responsável pela mãe, para cuidar de aspectos como saúde, finanças e moradia, pois ela possui uma condição de transtorno mental e tem dificuldade de gerenciar a própria vida. Além disso, após o término do relacionamento, segue exercendo um papel de cuidado com o ex-companheiro, o qual faz uso de álcool e, por vezes, se coloca em risco.

Zanella (2018) aponta que o papel de cuidado é atribuído às mulheres a partir do momento em que nascem, a partir dos brinquedos dispo-

tos, a fim de internalizar a ideia de responsabilidade e disponibilidade para com os outros. Nesse sentido, a dinâmica relacional da protagonista com as pessoas com quem possui vínculo, não é algo exclusivo a ela. A atribuição da função do cuidado ao feminino é fruto de uma construção social dos papéis determinados a homens e mulheres. O termo dispositivo materno aponta precisamente para a naturalização histórica da função do cuidar, que decorre da perspectiva da capacidade que as mulheres possuem para procriar e maternar (Zanello, 2018).

O cenário que se estabelece para mulheres em situação de violência é complexo, acidentado e, por vezes, extremamente solitário. De fato, o apoio da rede informal é primordial para o processo de enfrentamento e para a superação da violência. Contudo, é importante ressaltar a relação fundamental que MAID estabelece, trazendo à luz alguns pilares fundamentais ao enfrentamento da violência. Dessa maneira, a personagem assume o protagonismo de sua trajetória à medida em que busca incansavelmente novas formas de se reorganizar, afim de conquistar sua autonomia e independência. Condizente a isso, Sagot (2000) aponta que a autonomia e o protagonismo, que favorecem a tomada de decisões, constituem o recurso fundamental para que mulheres se afastem de relações violentas.

Contudo, deve-se atentar ao fato de que romper o relacionamento abusivo não necessariamente significa romper a violência doméstica, como indica a revisão de literatura realizada por Murta e Parada (2021). A partir dessa perspectiva, é possível observar que MAID aponta, de forma muito perspicaz, para esta relação que se estabelece em situações de violência, em que as mulheres rompem a relação violenta mas permanecem sofrendo diversas violências. No caso da minissérie, a protagonista rompeu o relacionamento, todavia, nos momentos em que encontrava o ex-companheiro permanecia sendo agredida psicologicamente.

Cabe evidenciar que, a partir do término, pode haver inclusive um escalonamento da violência. A partir dessa perspectiva, a literatura

aponta que o rompimento da relação violenta conduz a um aumento de sentimentos como ciúmes e possessividade, os quais podem produzir uma intensificação da violência, aumentando o risco de feminicídio.

Redes de Apoio Formais

Embora tenha-se discutido primeiramente sobre a rede de apoio informal, deve-se destacar que a protagonista inicia sua rota crítica partindo da ideia de que não pode contar com familiares e amigos. Deste modo, ela recorre diretamente à rede de apoio formal em busca de recursos para se reorganizar.

Conforme destacam as autoras Pontes et al. (2021), a interligação entre as redes formais e informais de apoio é fundamental para estabelecer um suporte abrangente às vítimas de violência. Nesse sentido, as redes de apoio estabelecem uma relação entre si, e, de forma interligada, podem promover estratégias mais efetivas no processo de enfrentamento da violência.

A rota crítica de mulheres que buscam romper com a situação de violência perpassa diversos serviços. As redes formais, um conjunto articulado de serviços, constituídas por instituições governamentais, serviços de saúde e políticas específicas, oferecem estruturas e recursos institucionais, como linhas de denúncia, delegacias especializadas, serviços de saúde e programas de proteção (Pontes et al., 2021). Pesquisas apontam para a necessidade da rede de apoio como recurso a fim de fortalecer as mulheres vítimas de relações violentas (M. A. D. Santos & Vieira, 2011).

No Brasil, em 2007, foi desenvolvido o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher. Trata-se de um acordo entre governo federal, governos estaduais e municípios para planejar, através de políticas públicas, ações a fim de consolidar a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. A partir deste pacto, criou-se uma rede especializada de serviços direcionados às mulheres vítimas de violência doméstica, contando com Casas-abrigo; Delegacias Especia-

lizadas de Atendimento à Mulher; Centros de Atendimento à mulher em situação de violência; Promotorias Especializadas; Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, entre outros (Brasil, 2011c).

Devido a diversos fatores, mas principalmente à possibilidade de julgamento e invalidação, as mulheres optam por não recorrer à rede de apoio informal, buscando diretamente recursos da rede de apoio formal. Assim, tal realidade é explicitada em MAID quando Alex, ao se deparar com uma série de dificuldades e sem perspectiva do apoio familiar, vai à assistência social em busca de benefícios governamentais, como moradia e creche subsidiadas. Em seus estudos, Meneghel et al. (2011) apontam que a assistência social pode ser uma das portas de entrada para as mulheres vítimas de violência. Contudo, denunciam que a burocracia atrelada ao sistema socioinstitucional constitui um entrave em seu percurso, o que também é apontado em MAID.

Outra problemática que permeia a rota crítica das mulheres é a decisão de denunciar ou não a violência sofrida. Conforme disposto anteriormente, em muitos casos existem sentimentos ambivalentes da mulher para com o companheiro. As autoras C. F. D. S. Santos e Andrade (2018) discorrem sobre o tema, e destacam alguns dos motivos que fazem com que as mulheres optem por não prestar queixa.

Muitas vezes o processo de enfrentamento da violência é permeado por sentimentos como vergonha e culpa, além disso, temem sofrer humilhações, e também prezam pela segurança dos filhos. Ademais, a literatura indica a dificuldade que mulheres encontram durante o contato com os serviços institucionais, por depararem-se com profissionais despreparados para atendê-las, com falta de orientação e, em muitos casos, são expostas a uma revitimização (Meneghel et al., 2011).

Nota-se que muitas mulheres não possuem recursos financeiros, tampouco moradia quando rompem a relação violenta. Assim, o cenário que se estabelece é ainda mais crítico, uma vez que, se

não podem contar com a família e comunidade, ficam desamparadas, o que estimula a voltarem para o relacionamento para ter acesso à moradia. Essa problemática é abordada pela minissérie, que aponta para a importância da existência das Casas-abrigo, como recurso da rede de apoio formal.

As Casas-abrigo constituem-se como um recurso de suporte social para atendimento às mulheres em situação de violência doméstica, que se encontram em risco. O objetivo é promover de forma temporária e sigilosa, medidas de proteção emergenciais, estabelecendo um local seguro para acolhê-las, podendo, elas, estarem acompanhadas de seus filhos (Brasil, 2011b). Nesse sentido, as mulheres abrigadas contam com atendimento psicológico, assistência social, além de educadoras sociais, que objetivam promover o acesso à informação, bem como aos serviços essenciais. Como é um serviço de caráter provisório, as mulheres seguem abrigadas até que tenham condições concretas de retomar suas vidas (Brasil, 2001b).

Contudo, deve-se destacar um ponto falho nas políticas públicas brasileiras. Ludermir e Souza (2021) indicam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) que apontam para a existência de menos de oitenta Casas-abrigo no país, cobrindo somente 2,4% dos municípios.

Sob a perspectiva da rede de apoio formal, a área da justiça é considerada essencial para mulheres vítimas de violência doméstica, uma vez que durante o processo de enfrentamento, muitas vezes o agressor se utiliza dos filhos para atingi-las, como forma de vingança ou até mesmo coação para reatar o relacionamento. Cabe a esse sistema, portanto, além de lidar com a situação da violência em si, promover o respaldo e amparo em questões como divórcio, guarda dos filhos, partilha de bens, entre outros (Dutra & Martins, 2023). É comum que durante o processo de enfrentamento da violência, bem como na tentativa de superá-la, as mulheres recorram ao sistema judicial a fim de garantir seus direitos.

Todavia, existe uma problemática acerca da justiça, que, em vários casos, também promove uma invalidação da violência, expondo as mulheres a uma revitimização. Para Campos (2009), a condescendência do sistema judicial com relação à violência contra a mulheres configura-se como negação dos direitos humanos. Apesar de ser pensada a partir das políticas públicas norte-americanas, MAID aponta para falhas comuns ao sistema judiciário brasileiro. Na minissérie, a protagonista sofre violência institucional, caracterizada como uma violência cometida por agentes públicos, em exercício de sua função, que coloca mulheres em uma posição de intimidação, constrangimento e suspeita (Taquette, 2007). Nesse sentido, Alex é desacreditada pela juíza durante a audiência e encontra-se desamparada, sem nenhum profissional para auxiliá-la. Tal perspectiva é corroborada por autoras como Meneghel et al. (2011), quando afirmam que as mulheres não se sentem compreendidas, ouvidas e acolhidas diante do sistema judicial.

O processo de superação da violência pode ser facilitado ou inviabilizado a partir de aspectos estruturais, pessoais e sociais (Murta & Parada, 2021). Em concordância com as autoras, é possível analisar os movimentos feitos por Alex em direção a se reorganizar e superar a violência, sempre em interação com a rede de apoio formal. Esse suporte, por vezes, mostrou-se efetivo ao possibilitar moradia e creche subsidiadas pelo governo, ao indicar uma agência de emprego, bem como ao oferecer a vaga na Casa-abrigo como recurso temporário. No contexto das políticas públicas brasileiras, alguns estados e municípios contribuem com o auxílio aluguel para mulheres vítimas de violência, todavia, é um recurso que tem se mostrado com limitações (Ludermir & Souza, 2021).

Por sua vez, no segundo momento, a relação da protagonista frente às suas experiências toma uma nova forma: ela passa a se reconhecer como uma mulher que sofre violência doméstica, sendo esse momento um divisor

de águas em seu percurso de enfrentamento à violência. Anteriormente, Alex havia voltado a residir com o ex-companheiro, em um momento de fragilidade, quando sua mãe teve um surto psicótico e foi internada. Não é incomum que mulheres em situação de violência, quando estão buscando superá-la, reatem o relacionamento, por diversos motivos. É possível citar como principais fatores a dependência financeira para com o agressor, questões envolvendo os filhos e a fragilidade da rede de apoio, que muitas vezes é ausente ou inefetiva. No caso da protagonista, compreende-se que ela volta a morar com o ex-companheiro em um momento de extrema vulnerabilidade e insegurança, e ele acaba sendo sua rede de apoio.

Deve-se destacar que em diversos momentos a rede de apoio parece estagnar ou até mesmo prejudicar a personagem, o que também é uma realidade para mulheres que sofrem violência. Além das adversidades que surgem ao longo do caminho, Alex enfrenta a burocracia das políticas públicas e precisa lidar com uma rede de apoio instável, o que não é incomum às mulheres durante o enfrentamento da violência.

Contudo, ao analisar o segundo momento de MAID, deve-se destacar que a protagonista só consegue, de fato, superar a violência, uma vez que passou pela rede de apoio formal e esta mostrou-se efetiva. A importância da efetividade da rede de apoio formal é validada por autores como M. A. D. Santos e Vieira (2011), quando afirmam que o percurso de enfrentamento da violência poderá ser conquistado ou interrompido, a depender “da qualidade do vínculo e das interações estabelecidas com os serviços e organizações visitados” (p. 94).

A minissérie, de fato, aponta para a efetividade da rede de apoio formal em diversos momentos, como a contribuição da Casa-abrigo em dois momentos de extrema vulnerabilidade da protagonista. Com relação a isso, uma pesquisa feita com mulheres que passaram por Casas-abrigo, indicou que vivenciar o abrigo colaborou para que pudessem desenvolver a autoestima e a autoconfiança,

corroborando um maior empoderamento (Kim & Yang, 2016). Outro exemplo da efetividade da rede foi a concessão de benefícios governamentais, como moradia e creche subsidiadas. Dutra e Martins (2023) discorrem a respeito das contribuições da rede de apoio formal. Revelou-se que as informações fornecidas, bem como o atendimento de qualidade e apoio prestados pelos profissionais por onde as mulheres passaram, impactaram positivamente para que denunciassem a violência sofrida, bem como para se sentirem seguras.

A minissérie proporciona pensar sobre a complexidade do fenômeno da violência e seu processo de enfrentamento. O que configura riqueza à análise de MAID, é o fato de a minissérie proporcionar uma aproximação com a realidade das mulheres em situação de violência, à medida em que evidencia os movimentos feitos pela protagonista durante a rota crítica. O enredo constrói-se à medida em que evidencia as complexidades que permeiam o processo de enfrentamento da violência, e convida a pensar sobre a importância das redes de apoio, assim como o desenvolvimento de políticas públicas efetivas.

Considerações Finais

Esse estudo documental buscou compreender os impactos da rede de apoio formal e informal no processo de enfrentamento da violência doméstica, a partir da análise da minissérie MAID. Trata-se de uma produção ficcional, mas seu enredo possibilita reflexões sobre a complexidade que permeia o processo de enfrentamento da violência doméstica, e denuncia, também, a realidade de muitas mulheres que buscam superar a situação de violência.

A análise desse material permitiu refletir sobre a naturalização da violência pautada no gênero, que influencia a forma como a violência é entendida e aceita socialmente. Os resultados viabilizaram a compreensão da complexidade da rota crítica percorrida por mulheres em situação de violência e auxiliam a refletir sobre a rede de

apoio como recurso fundamental no processo de enfrentamento à violência e os impactos da falta de apoio familiar na trajetória das mulheres.

Essa análise também possibilita uma contribuição para os fatores associados à permanência em relações violentas, bem como aqueles que estimulam o rompimento. O enredo de MAID aponta para a construção da autonomia e independência da personagem, assumindo um protagonismo diante das adversidades que atravessam seu caminho. Assim como na minissérie, a literatura é bem específica indicando que estes são fatores imprescindíveis no enfrentamento à violência.

Assim como explicitado em MAID, as mulheres passam por diversos serviços, como assistência social, Casas-abrigo e delegacias, podendo esses ser efetivos ou não. Além disso, observou-se que MAID denuncia falhas no sistema judicial e nas políticas públicas, o que também representa a realidade no Brasil, conforme a literatura indica.

Este é um estudo documental que tem potencial para pensar o processo de enfrentamento da violência doméstica, em relação a sua dinâmica e o impacto das redes de apoio. Contudo, sugere-se a realização de novos estudos com o escopo de ouvir mulheres que vivenciaram violência e seu processo de rompimento, em relação a sua rede de apoio. Compreender esse processo e suas implicações pode permitir pensar estratégias e políticas públicas efetivas a fim de facilitar a trajetória das mulheres.

Contribuição das autoras

Nathalia Borowsky dos Santos contribuiu com a coleta, a análise de dados e a escrita do texto.

Paola Rodegheri Galeli contribuiu com a orientação, a análise de dados e a revisão final do texto.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Baragatti, D. Y., Carlos, D. M., Leitão, M. N. da C., Ferriani, M. das G. C., & Silva, E. M. (2018). Critical path of women in situations of intimate partner violence. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 26. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2414.3025>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (4. ed.). Edições 70.
- Barufaldi, L. A., Souto, R. M. C. V., Correia, R. S. D. B., Montenegro, M. D. M. S., Pinto, I. V., Silva, M. M. A. D., & Lima, C. M. D. (2017). Violência de gênero: Comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9). <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12712017>
- Batista, V. C., Barreto, M. D. S., Gomes, N. P., Prado, E., Padoin, S. M. D. M., Godoy, F. J. D., & Marcon, S. S. (2023). Descortinando as relações familiares a partir do contexto de violência doméstica: Uma teoria fundamentada nos dados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 57. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0009pt>
- Brasil. (2002). *Violência Intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço*. Ministério da Saúde.
- Brasil. (2006). *Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006 - Lei Maria da Penha*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.
- Brasil. (2011a). *Rede de enfrentamento à violência contra as mulheres*. Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Brasil. (2011b). *Diretrizes Nacionais para o abrigo de mulheres em situação de risco e violência*. Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- Brasil. (2011c). *Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres*. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.
- Bruhn, M. M., & de Lara, L. (2016). Rota crítica: A trajetória de uma mulher para romper o ciclo da violência doméstica. *Revista Polis e Psique*, 6(2), 70–86.
- Campos, C. H. (2009). Lei Maria da Penha: Um novo desafio jurídico. In F. R. Lima & C. Santos (Orgs.), *Violência doméstica: Vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Lumen Júris.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(Suppl.). doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007
- Dutra, M. D. L., & Martins, C. P. (2023). Desafios na tessitura da Rede Socioinstitucional de acolhimento e cuidado às mulheres vítimas de violência. *Saúde e Sociedade*, 32(4). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210825pt>
- Fernandes, N. C., & da Natividade, C. D. S. J. (2020). A naturalização da violência contra a mulher. *Brazilian Journal of Development*, 6(10). <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-145>
- Fontelles, M. J., Simões, M. G., Farias, S. H., & Fontelles, R. G. S. (2009). Metodologia da pesquisa científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista Paraense de Medicina*.
- Formiga, K., Zaia, V., Vertamatti, M., & Barbosa, C. P. (2021). Violência cometida pelo parceiro íntimo: Estudo observacional com mulheres atendidas no Sistema Único de Saúde. *Einstein (São Paulo)*, 19, eAO6584. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2021AO6584
- Fornari, L. F., & Fonseca, R. M. G. S. D. (2022). Validação qualitativa de um jogo para enfrentamento da violência contra a mulher. *Acta Paulista de Enfermagem*, 35. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0317345>
- Kim, G., & Yang, S. (2016). An ethnographic study of a shelter for victims of domestic violence in Korea. *Indian Journal of Gender Studies*, 23(3). <https://doi.org/10.1177/0971521516656076>
- Leite, F. M. C., Garcia, M. T. P., Cavalcante, G. R., Venturin, B., Pedrosa, M. R. D. O., Souza, E. A. G. D., & Tavares, F. L. (2023). Violência recorrente contra mulheres: Análise dos casos notificados. *Acta Paulista de Enfermagem*, 36. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO0092332>
- Louro, G. L. (2000). *O corpo educado* (2. ed.). Autêntica.
- Lucena, D., Deininger, C., Coelho, C., Monteiro, A., Vianna, T., & Nascimento, J. (2016). Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, 26(2), 139–146. <https://doi.org/10.7322/jhgd.119238>

- Ludermir, R., & Souza, F. D. (2021). Moradia, patrimônio e sobrevivência: Dilemas explícitos e silenciados em contextos de violência doméstica contra a mulher. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 23. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202126>
- Machado, J. C., Santos, C. S., Gomes, A. M. T., Boery, R. N. S. D. O., Rodrigues, V. P., & Vilela, A. B. A. (2022). Estrutura de pensamento social de agentes comunitárias de saúde sobre violência doméstica contra a mulher. *Ciência & Saúde Coletiva*, 28. <https://doi.org/10.1590/1413-81232023286.14592022>
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas.
- Meneghel, S. N., Bairros, F., Mueller, B., Monteiro, D., Oliveira, L. P. D., & Collaziol, M. E. (2011). Rotas críticas de mulheres em situação de violência: Depoimentos de mulheres e operadores em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(4). <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000400013>
- Meneghel, S. N., Camargo, M., Fasolo, L. R., Mattiello, D. A., Silva, R. C. D., Santos, T. C. B., Dagord, A. L., Reck, A., Zanetti, L., Sottili, M., & Teixeira, M. A. (2000). Mulheres cuidando de mulheres: Um estudo sobre a casa de apoio Viva Maria, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(3). <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2000000300023>
- Metzler, M. S., Welis, J., Jontow, E., Robbie, M., Ackerley, T., Hedblom, B., & Land, S. (Executive Producers). (2021, October 1). *MAID* [TV series]. John Wells Productions; LuckyChap Entertainment; Warner Bros. Television.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. (2001). *Violência intrafamiliar: Orientações para prática em serviço*.
- Murta, S. G., & Parada, P. D. O. (2021). Término de relacionamentos íntimos violentos: Uma revisão da literatura. *Psicologia USP*, 32. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200046>
- Pontes, L. B., Dionísio, M. B. R., Bertho, M. A. C., Grama, V. D., & D'Afonseca, S. M. (2021). Redes de Apoio à Mulher em Situação de Violência durante a pandemia de Covid-19. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(3). <https://doi.org/10.7440/res64.2018.03>
- Rodrigues, V. P., Rodrigues, A. D., Lira, M. O. D. S. C., Couto, T. M., & Diniz, N. M. F. (2016). Relações familiares no contexto da violência de gênero. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 25. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016002530015>
- Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Fundação Perseu Abramo.
- Sagot, M. (2000). *La ruta crítica que siguen las mujeres afectadas por la violencia intrafamiliar en America Latina*. OPAS.
- Santos, C. F. D. S., & Andrade, M. J. E. (2018). A naturalização da violência de gênero na contemporaneidade. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, 1(1). <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23228>
- Santos, M. A. D., & Vieira, E. M. (2011). Recursos sociais para apoio às mulheres em situação de violência em Ribeirão Preto, SP, na perspectiva de informantes-chave. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 15. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000100008>
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F. P. L., Couto, M. T., Hanada, H., Kiss, L. B., Durand, J. G., Puccia, M. I., & Andrade, M. C. (2007). Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, 41(3). <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000300006>
- Soares, B. (2005). *Enfrentando a violência contra a Mulher*. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Presidência da República.
- Taquette, S. R. (2007). *Mulher adolescente/jovem em situação de violência: Propostas de intervenção para o setor de saúde*. SPM.
- Walker, L. (1979). *A mulher agredida*. Harper and How.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.
- Editor Associado: Elder Cerqueira-Santos

Recebido: 15/04/2025
Aceite final: 05/05/2025

Apêndice

Apresentação de Duas Referências Importantes para o Desenvolvimento do Trabalho

- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(Suppl.). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- Meneghel, S. N., Bairros, F., Mueller, B., Monteiro, D., Oliveira, L. P. D., & Collaziol, M. E. (2011). Rotas críticas de mulheres em situação de violência: Depoimentos de mulheres e operadores em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(4). <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000400013>



O(s) autor(es), 20234 Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.